

Joias Artísticas: o caso da Bienal de São Paulo

CAROLINA GRIPPA
JOANA BOSAK

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir a participação de joalheiros em edições da Bienal de São Paulo durante as décadas de 1960 e 1970, fato pouco conhecido e divulgado no estudo dessas exposições. A partir de documentos pertencentes ao Arquivo da Fundação Bienal de São Paulo e de catálogos das exposições, o texto discorre sobre fatos para a adesão da exposição de joias no evento de arte, citando nomes e momentos importantes que influenciaram a abertura da Bienal para as joias artísticas.

Palavras-chave:

Joias artísticas, Bienal de São Paulo, história da joia brasileira

Artistic jewelry: The case of São Paulo's Biennial

CAROLINA GRIPPA
JOANA BOSAK

Abstract

This paper aims to discuss the participation of jewelers in the São Paulo Biennial during the 1960's and 1970's, a few known and popularized fact when we read about Biennial's history. By documents owned by Biennial of São Paulo Foundation Archives and the catalogues from anterior editions, the text discusses the facts that made possible the adhesion of the jewelry exhibition in the art event, analyzing how the jewelry exposition has worked and the names of the participants jewelers.

Keywords:

Artistic jewels, Biennial of São Paulo, history of Brazilian jewel.

Jóias artísticas: el caso de la Bienal de São Paulo

CAROLINA GRIPPA
JOANA BOSAK

Resumen

Ese artículo tiene como objetivo discutir la participación de joyeros en la Bienal de São Paulo, en los años 1960 y 1970, momentos poco conocidos y divulgados cuando se lee sobre la historia de las bienales. Desde documentos de pertenencia al Archivo de la Fundación Bienal de São Paulo y catálogos de las exposiciones anteriores, el texto discurre sobre hechos para la adhesión de la exposición de joyas en el evento de arte, analiza cómo ocurrió la exposición y joyeros que participaron en los eventos.

Palabras clave:
Jóias Artísticas, Bienal de São Paulo, historia de la joya brasileña.

INTRODUÇÃO

A criação da Bienal de São Paulo está diretamente ligada a Francisco Matarazzo Sobrinho (1989 - 1977) – conhecido como Ciccillo Matarazzo –, empresário italiano que ganhou prestígio como patrono das artes modernas no Brasil. Primeiramente, Matarazzo criou o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e, em 1948, encarregou-se de acompanhar os artistas brasileiros representantes até a Bienal de Veneza. Ali, Matarazzo se interessou pelo perfil de exposição da Bienal e, tendo o apoio de sua esposa Yolanda Penteadó (1903 – 1983), desenvolveu o projeto da Bienal de São Paulo (MATARAZZO, 2001). Com essa mostra, Matarazzo tinha o objetivo de oferecer, “por via de uma seleção de obras de artistas nacionais e estrangeiros, uma visão de conjunto das mais significativas tendências da arte moderna” (ALAMBERT; CANHÊTE, 2004, p. 39).

Além da vontade de Matarazzo de criar uma exposição semelhante à Bienal de Veneza no Brasil, Francisco Alambert e Polyana Canhête, em seu livro *As Bienais de São Paulo* (2004), expuseram que havia um interesse da elite paulistana em desenvolver um polo cultural “fundado na ultramodernidade como referência até mesmo mundial, ao mesmo tempo em que poderia contribuir para internacionalizar (ou 'exportar') a arte brasileira” (ALAMBERT; CANHÊTE, 2004, p. 33).

A I Bienal ocorreu em 1951, com cerca de 1.800 obras de vinte países, além de outros eventos paralelos, incluindo, a saber: a Exposição Internacional de Arquitetura, o Festival Internacional de Cinema e o Salão Nacional de Cerâmica (ALAMBERT; CANHÊTE, 2004). Ao longo das edições subse-

quentes surgiram outras categorias, como a de artes gráficas, a bienal do livro e do teatro e a de joias brasileiras. Esses outros segmentos envolvidos demonstram que, no princípio, a bienal era mais aberta aos vários setores da produção artística do que as edições contemporâneas.

Porém, mesmo com as diversas categorias que fizeram parte da Bienal, pouco se comenta a respeito desses participantes; em livros sobre a história das bienais de São Paulo pouco se fala sobre as diversas categorias que existiam, focalizando sempre nas artes plásticas. Nesse “esquecimento”, incluem-se os criadores de joias que participaram do evento durante as décadas de 1960 e 1970, expondo suas criações sob o título de “joias artísticas”, por elas se diferenciarem dos produtos vendidos no comércio especializado. Muitos nomes conhecidos, para o desenvolvimento das joias brasileiras, expuseram: Caio Mourão (1933 – 2005), Renée Sasson (1922 – 2013), Augusto Carlos Vergara (1941), Roberto Burle Marx (1909 – 1994), Livio Edmondo Levi (1933 – 1973) e tantos outros que participaram ao longo das seis Bienais que tiveram esse segmento.

JOIAS EXPOSTAS NA BIENAL DE SÃO PAULO

A exposição de joias na Bienal foi um esforço dos próprios artistas da época¹, destacando-se a iniciativa de Livio Edmondo Levi, “a quem se deve a abertura das portas para as Bienais de Arte para a joia” (MAGTAZ, 2009, p. 157). Não é de se estranhar que no acervo da Fundação Bienal de São Paulo haja uma carta destinada a Livio Levi, escrita por Diná Coelho (secretária geral da Fundação Bienal), em 18 de abril de 1963, contando a novidade:

Senhor Livio Levi,

Tenho o prazer de comunicar-lhe que – depois de ouvir uma comissão de críticos de arte – resolveu a Diretoria da Fundação Bienal de São Paulo expor jóias artísticas na VII Bienal. Os candidatos à exposição de seus trabalhos submeter-se-ão a Júri de Seleção. Congratulando-me com V.S., apresento-lhe meus protestos de admiração. (COELHO, 1963, p. 1).

Designer, que “como bom modernista, desenhou ‘da colher à cidade’” (LEON, 2009, p. 107), Levi aventurou-se em diversas áreas: trabalhou para a indústria, criando talheres e outros utensílios; teve um trabalho pioneiro no campo da

iluminação, desenvolvendo projetos em Brasília de 1965 a 1969, no Palácio dos Arcos e na Catedral Metropolitana da cidade e, além de tudo isso, também criou joias. Nascido na Itália, mudou-se aos cinco anos para o Brasil, onde realizou toda sua carreira artística e de arquiteto. Desenvolveu seus estudos superiores na Universidade Mackenzie até 1956 e fez Pós-Graduação na FAU-USP, na área de arquitetura.

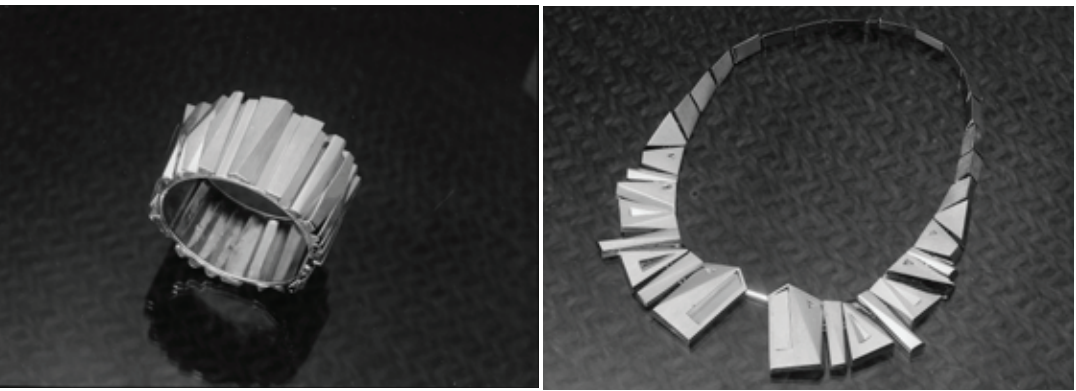


Figura 1 – Joias de Livio Levi.
Fonte: Arquivo Histórico Wanda Severo/ Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

A pedido de sua mulher, Ita Seinfeld, Levi criou algumas joias, sendo usadas por ela em alguns eventos sociais. As joias fizeram muito sucesso, o que culminou no recebimento de uma encomenda de Nelson Rockefeller. O magnata americano teria visto uma joia criada por Levi em um evento na capital paulistana e encomendou uma para dar a sua esposa (LEON, 2009). Nota-se o quão bem relacionado Levi era, já que se encontrava em um evento que recebia Rockefeller; sendo o artista importante para que Ciccillo Matarazzo aceitasse expor joias na Bienal.

Além dos esforços de Levi, outro fator importante para a aceitação de joias serem expostas na Bienal é que o design ganhava espaço nos museus de arte, tendo como exemplo o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA), que introduziu peças de design a sua coleção, e consequentemente expôs esses objetos, incluindo joias (PERL, 2008). Um exemplo é a exposição *Modern Handmade Jewelry*, realizada em 1946, que expôs joias de joalheiros e artistas no mesmo espaço, em reação às formas tradicionais da joalheria comercial (CAMPOS, 2010).

Inspirados no modelo do MoMA, aqui no Brasil, temos os exemplos de Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi à frente do

Museu de Arte de São Paulo (MASP), explorando a relação do design com a arte, curando exposições sobre o tema (*Exposição da Cadeira*, de 1949; *Vitrina das formas*, de 1950; *A mão do povo brasileiro*, de 1969), abrindo espaço para desfiles de moda e cursos sobre diversos temas do design (CARA, 2013). Artistas também expuseram suas produções de joias, como o americano Alexander Calder que, no ano 1948, mostrou, em conjunto com seus móveis, joias criadas por ele. A própria Lina Bo Bardi aventurou-se na criação desses adornos, a partir da técnica em esmalte aprendida com Renée Sasson (MAGTAZ, 2009). Preocupada e interessada pela criação de uma arte brasileira, Lina Bo Bardi utilizou em suas criações pedras locais, como a água marinha, o quartzo rosa, as ametistas, entre outras (CAMPOS, 2010).



Outra questão a ser defendida, e que provavelmente ajudou a aceitação das joias nas bienais, é que a joalheria brasileira ganhou força e reconhecimento internacional naquele momento. A partir dos anos 1950, surgiu uma geração de criadores comprometidos com inovações na joalheria e, fundamental destacar, utilizando pedras brasileiras, o que antes não era considerado "aceitável" para os padrões da joalheria tradicional.

Figura 2 – Fotos da exposição de Calder no MASP, 1948. Fonte: Acervo de Documentação do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 2016.

UMA PEQUENA HISTÓRIA DA JOALHERIA BRASILEIRA

No século XIX, o profissional adequado e treinado para trabalhar com joias era o ourives. Esses artesãos produziam e reformavam joias, sendo muito comum uma família ter um ourives de confiança. Apenas no fim do século XIX é que começaram a existir lojas especializadas na venda de joias, perdendo o aspecto de oficina e ganhando certa visibilidade de requinte e luxo. As mais antigas joalherias são a *Casa Masson*, de 1871, em Porto Alegre (RS), e a *Joalheria Pádua*, de 1888, em Diamantina (MG) (MAGTAZ, 2009).

Como a moda brasileira, a joia era totalmente influenciada pelos modelos franceses. “Mesmos os comerciantes que fabricavam suas joias, divulgavam seu estoque de joias importadas, [...], eles sabiam que o maior prestígio estava nas joias genuinamente europeias. O chique era importar!” (MAGTAZ, 2009, p. 139). Dessa maneira, pouco espaço havia para criações de artistas daqui, ficando ainda muito submissos ao gosto afrancesado dos brasileiros. Houve uma mudança nessa situação apenas na metade do século XX, com o “descobrimento” e a valorização das gemas coloridas oriundas do país.

O Brasil é especialmente privilegiado pela quantidade e qualidade de gemas de cor, é considerado o paraíso de pedras preciosas. Além da beleza e qualidade, temos gemas em grande quantidade. A maior região pegmatítica do mundo é a região brasileira, compreendida entre Governador Valadares, Teófilo Ottoni, Vale do Rio Doce e Vale do Jequitinhonha (MAGTAZ, 2009, p. 144).

Na década de 1940, dois joalheiros ficaram reconhecidos pelo trabalho com as pedras brasileiras: Hans Stern (1922 - 2007) e Jules Roger Sauer (1921 - 2017). Ambos criaram coleções e desenvolveram peças utilizando as gemas de cor, trazendo um novo interesse pelas águas-marinhas, turmalinas, ametistas, citrinos, entre outras. Nos anos 1950, René Sasson (1922 - 2013) chegou ao Brasil, com a experiência de ter trabalhado com costureiros como Jacques Fath (1912 - 1954), Madame Carven (1910 - 2015) e Elsa Schiaparelli (1890 - 1973), transformando o conceito de fazer joias. Sasson “pode ser considerada uma das pioneiras, senão a primeira, a criar joias como mini esculturas, como obra de arte” (MAGTAZ, 2009, p. 152). As joias ganham, pois, um status diferenciado, sendo

consideradas pequenas obras de arte que adornam o corpo, podendo ser "expostas" onde quer que se vá.

Com esse novo significado, muitos nomes ligados à arte no Brasil começaram a criar peças: Burle Marx (1909 – 1994), Di Cavalcanti (1897 – 1976) e Lina Bo Bardi (1944 – 1992) são alguns exemplos. E as próprias galerias também abriram espaço para as joias, que iam assumindo uma identidade de obra de arte. "Consideradas esculturas criadas para adornar e assinadas por seus criadores, transformam artistas em joalheiros e joalheiros em artistas" (MAGTAZ, 2009, p. 156). Assim, há o surgimento de outros joalheiros que criam peças especiais e únicas, chamadas também de joias de autor: "desenhadas e fabricadas em regime de produção artesanal por poucos [...]" (Andrade apud MORAIS, 2004, p. 66).

Na figura 3, temos a imagem de um catálogo de vendas de joias da Galeria SeleArte (que ficava na Rua Augusta, em São Paulo) de 1962, chamando atenção para joias de artistas que estão à venda. Muitos deles expunham nas Bienais, como será explicado mais adiante. Interessante notar que a página esquerda expõe o acervo da galeria: Clovis Graciano (1907-1988), Di Cavalcanti (1897 – 1976), Portinari (1903 –1962), Guignard (1896 – 1962), Livio Abramo (1903 – 1933), e outros; indicando que essa é uma galeria voltada para artes, mas que, nesse caso específico, abre seu espaço para joias.



Figura 3: Catálogo da Galeria SeleArte, 1962. (MAGTAZ, 2009, p. 156)

Outro exemplo é o anúncio da 3^o EucatExpo, de 1974, chamando a atenção para a joia brasileira exposta no evento. No fôlder, lê-se:

A EucatExpo, [...], tem o prazer de mostrar uma expo da mais completa em jóias de arte. Com esta exposição, a EucatExpo presta merecida homenagem ao pioneirismo de RENÉE SASSON, PEDRO CORREIA DE ARAÚJO e CAIO MOURÃO, que começaram a criar a joia como arte séria que é, e a lutar para que não fosse mais considerada apenas como bijuteria de enfeite (MAGTAZ, 2009, p. 157).

Na propaganda da EucatExpo, nota-se que há um desejo de distinção das joias criadas por joalheiros renomados, perante joias desenvolvidas em série para as lojas (bijuteria de enfeite). As joias criadas por Renée Sasson ou Pedro Correia de Araújo, por exemplo, são nomeadas de joias de arte (ANDRADE apud MORAIS, 2004). Dessa maneira, os que conseguiram inovar na criação das joias supostamente ganham o status de artista e há uma valorização de seu trabalho. Com esse destaque, abriu-se uma categoria própria para as joias artísticas na Bienal, mas com moderações, como será discutido adiante.

JOIAS ARTÍSTICAS NA BIENAL

A categoria de joias artísticas existiu na Bienal de São Paulo por seis edições: VII (1963), VIII (1965), X (1969)², XI (1971), XII (1973), XIII (1975)³. No catálogo das bienais – estão todos disponíveis no site da Fundação da Bienal de São Paulo – há informações sobre todas as exposições, inclusive no que se refere à categoria joias. Nos documentos é possível saber o nome dos expositores, o júri de seleção das joias, os premiados e todos os anos em que houve a categoria. A partir da VIII Bienal, o segundo ano de exposição das joias, inicia-se uma regulamentação para os inscritos.

No ano de 1965 é criado um regulamento de inscrição próprio, sendo importante ressaltar que, diferentemente das artes visuais, que incluíam artistas de todo o mundo, a categoria de joias “destina-se exclusivamente a artistas brasileiros, e a estrangeiros residentes no país no mínimo há dois anos” (FUNDAÇÃO BIENAL, 1965, p. 29), destacando a produção e os joalheiros do país. Também havia o limite de vinte peças por inscrito, sendo que elas eram avaliadas pela

comissão para poderem participar da exposição (FUNDAÇÃO BIENAL, 1965).

A cada ano houve um júri de seleção das joias; sendo, às vezes, o mesmo das artes plásticas ou tendo o seu próprio júri. Alguns dos nomes que foram jurados nessa categoria: Aracy Amaral (1930), Sergio Millet (1898 - 1966), Walter Zanini (1925 - 2003), Geraldo Ferraz (1905 - 1979), Mário Pedrosa (1901 - 1981), Mário Schemberg (1914 - 1990). Pelo que foi compreendido através das informações descritas no catálogo, os jurados deviam selecionar os expositores e os seus trabalhos, e houve premiações especiais, como: Prêmio Stern, Prêmio Maria Helena Martini Ribeiro, menções honrosas, medalha de ouro, prêmio de melhor trabalho de pesquisa, prêmio melhor desenho de joias. Não havia regra para as premiações, a cada edição ocorria premiações diferentes com prêmios diferentes⁴.

Sobre os expositores, a média era de onze por ano, havendo variações a cada edição. Isso mostra que os expositores dependiam, claramente, do número de inscritos e da qualidade dos trabalhos enviados. No acervo da Bienal, há informações mais detalhadas sobre os inscritos e os recusados. No ano de 1963, primeiro ano da categoria de joias no evento, houve 18 interessados, 12 aceitos e 8 recusados (3 porque não enviaram imagens das peças, o que era obrigatório para a seleção). Em 1965, 24 pessoas enviaram inscrições, 15 foram aceitas e 9 foram recusadas. Já na XII edição (1973), houve um total de 20 inscritos, com apenas 8 aceitos. Entre os aceitos, há diversos nomes que participaram assiduamente da Bienal, como Domenico Calabrone (4 participações), Livio Levi (4 participações), Maria Clementina da Silva Duarte (3 participações), Geraldo Mayer Jürgensen (3 participações), Renée Sasson (3 participações), Luigi Zanotto (3 participações), Renato Wagner (3 participações).

Esse interesse em expor as joias na Bienal, provavelmente, vinha de um desejo de que suas criações fossem vistas por um público maior, como afirma Reny Goloman, joalheira participante da X Bienal de São Paulo: “Estamos participando, [...], porque a bienal é o único lugar onde ainda se podem expor joias para um grande público” (apud MACHADO, 1975, p. 56). Além de os joalheiros ganharem um novo *status* quando expõem suas criações ao lado de obras de artes, elas receberam o nome de joias artísticas. Há uma necessidade de incorporar uma unicidades⁵ e qualidade superior a joias criadas por especialistas, se comparadas às

vendidas no comércio comum, qualificando o trabalho realizado por esses artistas joalheiros.

Em uma matéria no *Jornal do Brasil*, em 21 de outubro de 1973, encontra-se a seguinte opinião:

Reny Goloman, outra hors-concours, acha que a principal diferença entre as jóias comuns e as criações por artistas é que estes sempre procuram estar um passo à frente do convencional, “pois sua função é criar não importando se com isso entrem em choque com tudo já existente”. (BIENAL DE SÃO PAULO, 1973, p. 142).

É interessante notar que Reny Goloman não utiliza o termo joalheiro, mas sim artista, reforçando mais a conexão entre as jóias criadas e obras de arte. Ao analisar outras reportagens sobre a Bienal, percebe-se que esse era o termo mais comum. Por exemplo, em uma matéria, no jornal *O liberal*, se escreveu sobre a homenagem realizada a Levi, devido a seu falecimento. No jornal, há uma citação de Francisco Matarazzo sobre Livio Levi: segundo aquele, este sempre se destacou “como um dos maiores artistas brasileiros” (BIENAL ENTREGA PRÊMIOS..., 1973, p. 12). Aqui, de novo, o uso do termo artista, e não joalheiro.

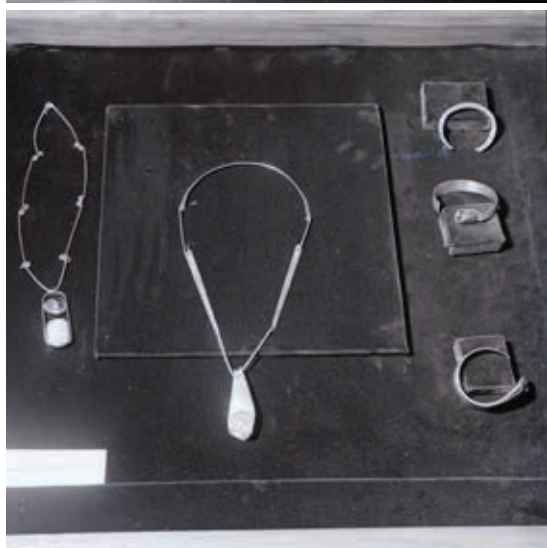
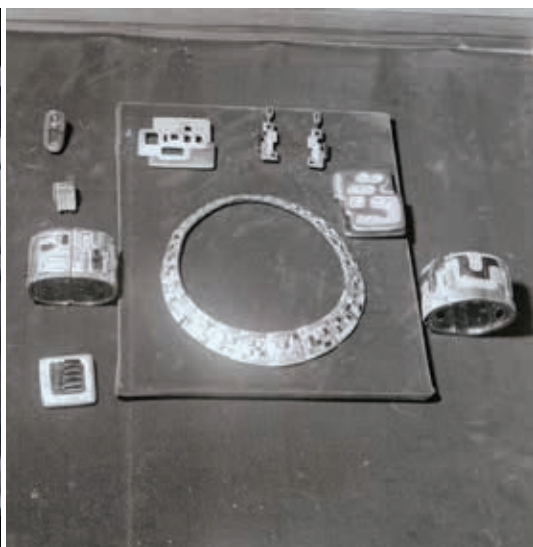
Mesmo sendo considerados artistas em algumas reportagens, percebe-se que há um desinteresse nos catálogos da Bienal de São Paulo pelas jóias se comparadas às artes visuais. Aquelas ganham pouca visibilidade no catálogo e nenhuma imagem e menção nos textos sobre os expositores. Apenas em 1973, há um texto escrito por Pietro Maria Bardi devido a uma homenagem especial a Lívio Levi, que é participante assíduo das bienais e o único joalheiro tratado em texto nessas seis edições. Lendo alguns recortes de jornais da época, os artistas reclamavam das condições difíceis que lhes eram dadas para expor as jóias. Na *Folha de São Paulo*, no dia 26 de outubro de 1975, se critica justamente isso, expondo a precariedade das montagens das jóias:

Expor numa bienal é gratificante para todo artista, mas esse ano [1975, XIII Bienal de SP] a falta de atenção e mesmo consideração para com os participantes levou muitos à desistência. Entre os 12 joalheiros que resolveram resistir e montaram na última hora suas precárias vitrinas – em algumas o vidro está preso com durex – Reny Goleman, Nelson Alvim Souza e Miriam Mamber acham que só foram considerados os artistas

consagrados em outras bienais. “Apesar de ter sido premiada na XI Bienal, diz Reny, encontrei as mesmas dificuldades para arrumar as minhas peças [...]” (MACHADO, 1975, p. 56).

Observando algumas imagens das exposições (figura 4), que são escassas e sem nenhum dado indicando ano e autoria das joias, é possível perceber certo descaso com o expositor e um ar de “improviso”.

Figura 4: Imagens da expografia do setor das joias na Bienal de São Paulo. Fonte: Arquivo Histórico Wanda Severo/ Fundação Bienal de São Paulo, 2016.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Bienal de São Paulo, um dos maiores eventos artísticos do país, que agrega artistas, obras e curadores do mundo todo, tem o objetivo de mostrar o contemporâneo, o atual no mundo da arte. Analisar suas edições, histórias e obras expostas ao longo desses anos “[...] é também caracterizar o estado da arte e a história do Brasil, em seus avanços e retrocessos, em suas mais diversas possibilidades e manifestações” (ALAMBERT; CANHÊTE, 2004, p. 13). Assim, ao expor joias e nomeá-las “joias artísticas”, tem-se um novo peso e *status* conferidos a tal objeto, não podendo ser ignorado, de forma alguma, esse momento da história da Bienal e da arte brasileira.

Muito artistas e joalheiros envolveram-se arduamente para conseguir essa oportunidade de expor suas obras para um grande público e não apenas com o fim da venda imediata – como ocorre na maioria das vezes, quando as joias ficam em vitrines de joalherias –, mas com o intuito de serem vistas como o que há de mais contemporâneo na produção de joias. Muitos benefícios surgem em exposições como essas, que relacionam design e arte, mostrando o que há de mais representativo em cada área, criando novos diálogos com o público, bem como com a crítica, galerias e colecionadores.

Entretanto, há de se pensar no que se perdeu, quando esses eventos paralelos – que não envolviam apenas joias, mas sim design gráfico, teatro, cinema – pararam de existir, dando foco apenas para as artes visuais. Fato que não ocorreu apenas na Bienal, mas em outra instituição da mesma cidade, o MASP, que tinha em seu princípio uma abertura ao conceito de arte, dando espaço e legitimidade a diversas áreas: moda, design, artesanato, entre outras expressões. Atualmente, o MASP investe em algumas exposições e ações que recuperam esse objetivo inicial, expondo seu acervo de moda, que pouco era conhecido, “reavivando” exposições antigas que tinham o propósito de criar vínculos com o artesanato, a arte e o popular, e chamando o público, via redes sociais, para se criar uma nova história para o mobiliário brasileiro, por exemplo. Mudanças e iniciativas essas que conectam mais o público ao museu, e tornam a arte cada vez mais plural.

O fim da categoria de joias na Bienal de São Paulo chegou na década de 1970, após seis edições com a mostra dos joalheiros, não sendo encontrada nenhuma razão específica para o fim. Mas os criadores de joias não tinham apenas esse espaço para expor suas obras: eles participaram de outros eventos

ao longo do tempo, conseguindo mostrar suas criações para públicos maiores em espaços ditos de arte.

Henry Favaro (2013), na sua tese *Design de Joias e Pesquisa Acadêmica: limites e sobreposições*, traz um pouco da história de alguns dos participantes das bienais, contemplando mostras em que eles participaram. René Sasson já havia exposto no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1955, onde Caio Mourão também expôs no outro ano suas joias. Ele também participou de diversas exposições em galerias – como na SeleArte – e ainda expôs no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Ulla Johnsen mostrou suas obras na SeleArte, na Documenta de Kassel, no Museu de Imagem e Som (em São Paulo); participou da InterDesign na Alemanha e da Expo 70, feira internacional no Japão, como representante da joalheria brasileira. Ela, no mesmo ano em que ganhou o prêmio de destaque na Bienal de São Paulo em 1973, recebeu o título de melhor joalheira pela Associação Paulista de Críticos de Arte (FAVARO, 2013). Chama a atenção, portanto, que tal associação, em atividade até hoje, tivesse essa premiação entre suas categorias. E, não menos importante, destaca-se que Livio Levi teve exposições no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro (1966), no MASP (1975) e, recentemente, suas luminárias e joias foram expostas no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2005).

Assim, nota-se o quanto há de entrelaçamentos entre arte e joias, no caso aqui apresentado, tornando as ligações e influências entre áreas extremamente ricas e fecundas para novos diálogos. A Bienal pode ter extinguido a exposição de joias no Pavilhão Ciccillo Matarazzo, no Parque do Ibirapuera, mas os joalheiros artistas continuaram a mostrar seus trabalhos e criações, exaltando o que há de melhor na criação de joias no país, a despeito da quase não-memória a que foram relegados nos anos posteriores.

NOTAS

1 Na documentação da Fundação da Bienal de SP há uma carta do dia 19 de abril de 1963, endereçada a Carmem Portinho, contendo a seguinte informação: “Atendendo a solicitação de artistas e depois de ouvir comissão de críticos de arte, resolveu a Diretoria da Fundação Bienal de São Paulo expor joias artísticas na VII Bienal”. O que mostra um envolvimento de artistas e joalheiros locais para tal decisão.

2 Na IX edição da Bienal, em 1967, não houve essa categoria. No catálogo não há nenhuma explicação a respeito, e não foi encontrado nenhum documento no arquivo da Fundação da Bienal de São Paulo que desse alguma razão para tal desistência.

3 Nessa edição houve a exposição de joias, porém no catálogo não há informações sobre quem foram os participantes.

4 A relação dos expositores e dos prêmios por cada edição se encontra em um anexo ao fim do artigo.

5 A maioria dos designers criava peças únicas, destruindo os moldes para não haver cópias (LEON, 2009).

QUADROS DE PARTICIPANTES, JURADOS E PRÊMIOS POR BIENAL

VII BIENAL DE SÃO PAULO (1963)

EXPOSITORES TOTAL: 12	AMÉLIA AMORIN TOLEDO	MOUSSIN PINTO ALVEZ
	AUGUSTO CARLOS VERGARA	PEDRO CORREIA DE ARAUJO
	CAIO MOURÃO	PESCE ROSENBLIT
	DOMENICO CALABRONE	RENÉE SASSON
	LIVIO EDMUNDO LEVI	ROBERTO BURLE MARX
	LUIGI ZANOTTO	SUELY LIMA ABREU
JÚRI DE SELEÇÃO	ARACY AMARAL	
	GERALDO FERRAZ	
	MARIA EUGÊNIA FRANCO	
	SERGIO MILLET	
	WALTER ZANINI	
JÚRI DE PREMIAÇÃO	ARNALDO POMODORO	
	FELIZ LABISSE	
	KENJIRO OKAMOTO	
PRÊMIOS	PRÊMIO STERN: ROBERTO BURLE MARX	
	PRÊMIO MARTINI RIBEIRO: CAIO MOURÃO	
MENÇÃO HONROSA	AMÉLIA AMORIN DE TOLEDO	
	LUIGI ZANOTTO	

Fonte: Dados trabalhados pelas autoras com base em: (FUNDAÇÃO..., 1963).

VIII BIENAL DE SÃO PAULO (1965)

EXPOSITORES TOTAL: 15	AMÉLIA AMORIM TOLEDO	MARCEL KÜNG
	CAIO MOURÃO	PEDRO CORREIA DE ARAUJO
	DOMENICO CALABRONE	RENÉE SASSON
	EDITH LOW-BEER	ROBERTO BURLE MARX
	GERALDO MAYER JÜRGENSEN	SUSAN OSBORN COELHO
	LIVIO EDMUNDO LEVI	ULLA JOHNSON KRAUEL
	LUIGI ZANOTTO	WALTER GOMES MARQUES
	MARCIO MATTAR	
JÚRI DE SELEÇÃO E PREMIAÇÃO	FERNANDO LEMOS	
	GERALDO FERRAZ	
	JOSÉ GERALDO VIEIRA	
	MÁRIO PEDROSA	
	MÁRIO SCHEMBERG	
PRÊMIO	MEDALHA DE OURO: PEDRO CORREIA DE ARAUJO	

Fonte: Dados trabalhados pelas autoras com base em: (FUNDAÇÃO..., 1963).

X BIENAL DE SÃO PAULO (1963)		
EXPOSITORES TOTAL: 12	GERALDO MAYER JÜRGENSEN	RENÉE SASSON
	LIVIO EDMUNDO LEVI	RENY GOLCMAN
	LUCIANO MOROSI	YESQUENLURITA E LUNA
	RENATO VAGNER	
COMISSÃO ORGANIZADORA	LIVIO EDMUNDO LEVI	
	RENATO VAGNER	
	RENY GOLCMAN	
JÚRI DE PREMIAÇÃO	HARRY LAOS	
	JOSÉ GERALDO VIEIRA	
	WALMIR AYALA	
JÚRI DE PREMIAÇÃO	JACKS BAND	
	PIERRE LOEB	
	RYSZARD STANINSLAWSKY	
PRÊMIOS	"BENVENUTO CELINI": RENATO VAGNER	
	MEDALHA DE PRATA: LUCIANO MOROSI	
	MENÇÃO HONROSA: GERALDO MAYER JÜRGENSEN	

Fonte: Dados trabalhados pelas autoras com base em: (FUNDAÇÃO..., 1963).

X BIENAL DE SÃO PAULO (1963)		
EXPOSITORES TOTAL: 12	BOESEN KJELD	LIVIO LEVI
	CALABRONE	MACHADO
	CLEMENTINA DUARTE	NELSON ALVIM
	FÁBIO ALVIM	RENATO WAGNER
	HANS BOECKH	RENY GOLCMAN
	JURGENSEN	
JÚRI DE SELEÇÃO	GERALDO FERRAZ	
	HARRY LAUS	
	LISSETTA LEVY	
JÚRI DE PREMIAÇÃO	CAFERINO MORENO	LISSETTA LEVY
	CAIO MOURÃO	WALMYR AYALA
	FERNANDO AZEVEDO	
JÚRI DE PREMIAÇÃO	PRÊMIO MELHOR CONJUNTO DE PEÇAS: RENY GOLCMAN	
	PRÊMIO MELHOR TRABALHO DE PESQUISA: MACHADO	
	PRÊMIO MELHOR DESENHO DE JÓIA: CLEMENTINA DUARTE	
	MENÇÕES HONROSAS: SYDNEY DANEMBERG, BOESEN KJELD, NELSON ALVIM	

Fonte: Dados trabalhados pelas autoras com base em: (FUNDAÇÃO..., 1971).

XII BIENAL DE SÃO PAULO (1973)		
EXPOSITORES TOTAL: 10	BOBBY STEPANENKO	MIRIAM MAMBER
	DOMENICO CALABRONE (HANS CONCOURS)	PAULO ROBERTO LAENDER
	EMÍLIA OKUBO	RENATO WAGNER (HANS CONCOURS)
	KJELD BOESEN	RICARDO ROGÉRIO MATTAR
	MÁRIA CLEMENTINA DA SILVA DUARTE	ULLA JOHNSEN

▼ Quadro "XII Bienal de São Paulo (1973)" continua na próxima página

▲ Continuação do quadro "XII Bienal de São Paulo (1973)" na página anterior.

JÚRI DE SELEÇÃO	ALBERTO BENTENMULLER
	HARRY LAUS
	WALTER MAFFEI
JÚRI DE PREMIAÇÃO	HARRY LAUS
	OLREY KRUSE
	RUY OTANHKE
PRÊMIOS	PRÊMIO EM DINHEIRO: ULLA JOHNSEN
	MENÇÃO ESPECIAL: MIRIAM MAMBER

Fonte: Dados trabalhados pelas autoras com base em: (FUNDAÇÃO..., 1973).

Aceito em: 31/07/2017

Aprovado em: 06/06/2018

CAROLINA BOUVIE GRIPPA

carolbgrippa@gmail.com

Bacharel em Moda, pela Universidade Feevale, e Bacharela em História da Arte pela UFRGS. Integrante do grupo de pesquisa em História da Arte e Cultura de Moda/CNPq.

JOANA BOSAK

joanabosak@gmail.com

Licenciada e Bacharel em História, Mestre em História, Doutora em Literatura Comparada. Professora do Bacharelado em História da Arte da UFRGS, líder do grupo de pesquisa História da Arte e Cultura de Moda/CNPq.